

Leitores

De Espanha e do Cervantes

Desejo expressar as minhas felicitações pelos 25 anos do JL. Ao longo deste tempo, de forma intermitente ao princípio, de forma continuada desde há cinco anos, pude seguir a actualidade cultural portuguesa nas páginas de uma revista magnífica. Gostei de ver agora reimpresso o primeiro número, a branco e preto, que apareceu em 3 de Março de 1981. De então para cá os nossos países mudaram mas não mudou e nosso amor pela literatura.

Como autor publicado nessas páginas, como director que fui do Instituto Cervantes de Lisboa e como director Académico agora, na sede central de Madrid, envio toda a minha solidariedade e mil felicitações.

JORGE URRUTIA (Madrid)

A segunda língua

Vivi 18 anos na Alemanha, falo alemão como falo português e nunca admiti que um português falasse comigo outra língua que não a nossa. Aho uma cegueira de todo o tamanho a opção Inglês como segunda língua escolar (*o Inglês como língua obrigatória a partir do 1º ciclo foi o Tema do anterior JL/Educação*). Entendo que a segunda língua deve ser livre opção de pais e crianças. Todas as línguas e nenhuma em particular. Basta ver o peso que o inglês já tem nesta sociedade. Ligue os canais de TV e verá que são nessa língua os filmes todos que aparecem.

Se interiorizarmos que o supra-sumo da expressão é em inglês, prestamos um mau serviço à língua, estamos a minorizá-la. É preciso ser criativo para manter a língua viva, em linguagem chã chamar os bois pelos nomes de cá.

EURICO L. ALVES (Vila Garcia)

Qualidade e diversidade

O JL continua a dar-nos do melhor que se publica em Portugal e aquilo que mais ninguém publica em Portugal. Obrigado pelo vosso contributo único para a nossa cultura e a nossa língua. E obrigado pela diversidade de assuntos tratados, por falarem do que tem qualidade, independentemente das orientações estéticas, ideológicas ou políticas dos escritores e artistas, do facto de serem velhos ou novos. A este propósito quero assinalar, dando exemplos recentes, coisas tão diversas como as capas e os temas sobre Hans Cristian Andersen e sobre Gonçalo M. Tavares. Felizmente que ainda há hoje, e há tantos anos, um jornal em que se continua a escrever sobre Eça de Queiroz ou Camilo Pessanha, José Cardoso Pires ou Augusto Abelaira, e tantos outros, sem esquecer os verdadeiros valores revelados nos últimos tempos.

Carlos S. Neves (Porto)



CARTA DE PARIS

LEONOR BALDAQUE

Parece-me evidente que as frequentações humanas inspiram os personagens que a escrita imagina. Em Lisboa, porém, longe do Paris fecundo de personagens reais, consegui tomar um sumo de maçã com um amigo que é actor e que me falou de literatura. Ele inspiraria qualquer escritor capaz de lidar com personagens arrojados e frágeis, que andam de moto e praticam ginásticas orientais. Não foi então uma hora perdida, nessa cidade que acima de tudo nos enche de um prazer primário de sol e de luz, como tanto se diz e é verdade. Um amigo meu filósofo, Simon, de quem de resto já falei quando contei a história de uma despedida num café em frente ao Louvre, garante-me que nas suas conversas procura apenas pessoas que lhe falem de banalidades, o que me custa a acreditar, e ponho evidentemente em causa a sua noção da banalidade dos temas de discussão. Eu, porém, procuro a companhia dos que me ensinam, comprazendo-me na relação caída em desuso mas eficaz de mestre-discípulo. O Diogo - chama-se assim o actor com quem tomei um sumo na cafetaria em baixo do hotel

Duende!

- falou-me de um maravilhoso poeta, cujo livro fui então comprar numa velha livraria da Baixa - o livro chama-se Duende e o poeta é António Franco Alexandre. Digo uma velha livraria da Baixa não porque queira fazer acreditar que cultivo um prazer saudosista pelas livrarias caídas em desuso, que de resto cultivo de facto, mas acima de tudo para poder dizer que o Diogo compra os seus livros na Fnac e isso não cessa de me admirar. São as contradições de que os personagens de certos livros são feitos, e que só mais tarde na história se percebem, revelando afinal esse pormenor aparentemente insignificante, ainda que grosseiro, uma verdade escondida e fundamental, como por exemplo o motivo do crime. Enfim, digo isto mas esses não são os livros que eu leio. Seja como for, estou até hoje feliz de conhecer este belíssimo Duende, que de imediato acalmou as primeiras faltas dessa cidade estrangeira e distante onde se encontra a casa onde vivo, o chamado «lar». E como me reconfortou saber que em Lisboa conheço alguém que me aconselha um bom livro português. A poesia, mais do que a prosa, ensina o uso da língua, pois com ela nos confrontamos com as facetas múltiplas de uma palavra que até aí achávamos pobre. Penetramos mais depressa o centro de todas as questões, trágicas ou racionais, pois como sabe quem leu Steiner a tragédia é irracional e a razão, judaico-cristã. Descobri, chegando a Lisboa com a sensação de aí ser uma estrangeira - pois a cidade onde nasci foi o Porto e vivo noutra cidade - um poeta que ao

longo dos dias me tem religado ao país. Portugal, no confronto da chegada, parecia-me estranho ao mesmo tempo que mutuamente simulávamos familiaridade, pois não se acredite que a relação com uma cidade é unilateral. Apanhar o metro, dormir em hotéis despovoados de memória, as viagens de comboio, os almoços solitários, habitaram-se dessa companhia de palavras e cenas de interior de Duende, e por isso senti-me de novo em casa.

Acontece, porém, que por vezes, sem algum referente nem amigo, uma cidade nos acolhe e conduz. Aconteceu-me isso em Copenhaga. Embora não creia conhecer todas as ruas de Copenhaga, tenho a certeza profunda e inabalável de conhecer todas as ruas mais bonitas de Copenhaga. Foi uma cidade que me recebeu como nenhuma outra, e quando achei estar perdida, diante de uma ruela sem trânsito e aparentemente sem vida, uma outra esquina se apresentava, mais bela e fantástica que a anterior. E, assim, de interrogação em interrogação, fui descobrindo as mais belas e mais secretas praças, fachadas e recantos de Copenhaga.

Mais tarde percebi que o espírito de H. C. Andersen devia operar, pois fomos companheiros de infância, e daí a minha íntima ligação com a Dinamarca. Até hoje acredito que foi a cidade e uma ausência inspiradora que escolheu por mim e nunca eu na cidade. Neste universo de adultos, António Franco Alexandre tem sido o meu H. C. Andersen. ●

Abril de Portugal



CARTA DA SUÉCIA

ALEXANDRE PASTOR

Foi um dia de graças esse, de Abril, que anunciou o fim da longa noite invernal e também em que um amigo meu, organista, me desafia a fruir o prazer do seu novo Peugeot descapotável. Automóveis nada me dizem, amizades prezo-as com gratidão. Maestro que também é, esse sueco de nome Sonny Petersson, ouvira-o na véspera dirigir Stabat Mater na igreja de Sta. Catarina, aqui da capital. Filtrado pelos invulgares vitrais do templo, porque totalmente alvos, o entardecer luminoso estocolmiense parecia exultar com essa obra de profunda essência divina, embora composta pelo mestre da ópera bufa italiana, Rossini. Aceitei o convite. Sonny, que igualmente é professor de aspirantes a cantores de ópera, gosta muito do nosso país. Isto porque nele entra em qualquer igreja, troca umas palavras com o sacristão, e logo o deixam subir ao coro para ali experimentar o órgão, as mais das vezes desafinados, confessa-me. Já toquei na Sé e na Basílica da Estrela, diz-me, com orgulho. A caminho de Uppsala, pela velha estrada, paramos numa igreja perdida no seio da floresta. Verdadeira pérola de 1370, todo o seu interior são alegorias bíblicas pintadas à mão. Sonny sobe então ao minúsculo coro, e no órgão ali instalado há 200 e tal anos (não desafinado!), toca uma bela obra portuguesa, anónima, do século XVIII. Enquanto a saudade me invade, lá fora, o céu tingido de um azul-rosa etéreo, enigmático, acariciava a paisagem já primaveril, prenúncio de algo bom que iria acontecer. E aconteceu. Foi quase um mês de cultura portuguesa em Estocolmo. PIKO é o nome sueco de uma organização de mulheres portuguesas aqui residentes. O fim da associação é informar os seus membros sobre direitos e obriga-

ções nesta sociedade, divulgar novidades de carácter legislativo tanto sueco como português, prestar ajudas, realizar encontros em bibliotecas, etc. Para comemorar o 20º aniversário da sua existência, e tal como tem feito noutros anos, a PIKO acaba de levar a cabo um ambicioso programa cultural em Estocolmo. O mínimo que se pode dizer da actual presidente, a Sra. Maria Rosa da Silva e de todas as suas coadjuvantes, é que estão de parabéns, pois não se pouparam a esforços. E o programa, que durou quatro fins de semana consecutivos, primou pela organização, pelo rigor e pela pontualidade com que decorreu. Por outras palavras, a tradicional improvisação à portuguesa não esteve aqui presente.



Alice Vieira

A longa série de eventos culturais teve lugar no Museu de Etnografia de Estocolmo, de 9 a 30 de Abril. A sessão inaugural foi presidida pelo embaixador do nosso país na Suécia, o dr. João Pedro Zanatti, pelo director do museu, Anders Björklund, pela ex-ministra sueca da imigração Anita Gradin, bem como pela presidente da PIKO, já referida. A um numeroso público sueco, português e estrangeiro, foi oferecido o

seguinte: Uma admirável série de pinturas a óleo (12), de grande formato, do pintor António Carmo, sob o tema *Diálogo Poético*; fotografias de Jorge Ribeiro, sob o tema *Viajando em Portugal*; uma exposição filatélica de selos africanos; uma palestra sobre a problemática da droga, por Margarida Martins; uma exibição do grupo Capoeira Angola; um espectáculo de fado com as jovens portuguesas residentes em Gotemburgo, Alexandra Carlos, Sandra Pires e Ingrid Gualdrapa, acompanhadas à guitarra por Custódio Magalhães e Vitor Pereira, expressamente vindos de Lisboa.

Mas além do primor da pintura de António Carmo, sobre a qual a opinião geral do público (e minha) pode ser dada citando as sensíveis palavras da crítica Maria João Fernandes (olhando-a ..): «A vida parece tão próxima, o amor possível, a alegria verdadeira», houve ainda a grata presença de uma figura literária de alto gabarito, Alice Vieira, a qual falou sobre literatura juvenil, não só no Museu como na Universidade daqui, tendo-se deslocado também à Finlândia, onde, na Universidade de Helsínquia, foi ouvida por meia centena de estudiosos da nossa língua. Esta celebração cultural da PIKO encerrou-se com uma palestra do signatário sobre literatura portuguesa contemporânea. Nela, não por gentileza mas por indiscutível merecimento, foi realçado o valor literário, social e psicológico do último livro de Alice Vieira *O casamento de minha mãe*. Vindo a lume há bem pouco, a todos os leitores deste jornal exorto-os a lerem esta obra de escassas 140 páginas. Dado o humanismo ímpar nelas contido, nem jovens nem adultos poderão ficar insensíveis a esta obra-prima.

Como não podia deixar de ser, este longo programa foi entremeadado com várias refeições representativas não só da boa culinária lusa, como ainda da existente nos países da CPLP.

Há pouco, Fernando Sobral escreveu que o nosso país parece-se cada vez mais a um quadro de Paula Rego. Porque tudo é grotesco, tudo é irreal, acrescentou. Ora esta manifestação cultural da PIKO em Estocolmo, genuinamente portuguesa, pode dizer-se que foi a antítese dessa arte. Estão portanto de parabéns todas as mãos femininas que, com determinação, saber e amenidade, a levaram a bom termo. ●